



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lílian Ribeiro Alves do Lago

A CRIANÇA E A ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS  
CONTRIBUIÇÕES PARA SEU DESENVOLVIMENTO

BRASÍLIA

2007

Lílian Ribeiro Alves do Lago

A CRIANÇA E A ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS  
CONTRIBUIÇÕES PARA SEU DESENVOLVIMENTO

Monografia apresentada ao curso de  
Pedagogia da Faculdade de Ciências da  
Educação-FACE, do Centro Universitário de  
Brasília-UniCEUB, como parte das exigências  
para a conclusão do curso.  
Orientadora doutora Maria Eleusa Montenegro

BRASÍLIA

2007

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>8</b>
<b>3 PROBLEMATIZAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>4 OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
4.1OBJETIVO GERAL.....	10
4.2OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
<b>5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
5.1 A CONCEPÇÃO DA ESCRITA.....	11
5.2 PROCESSO DE EVOLUÇÃO.....	14
5.3 UMA ABORDAGEM COGNITIVA.....	18
5.4 ESCRREVENDO O NOME PRÓPRIO.....	21
5.5 O PROFESSOR MEDIADOR.....	22
<b>6 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
6.1ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	26
6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	26
6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES.....	27
6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	27
6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	28
6.5.1 CATEGORIAS SELECIONADAS.....	28
6.5.2 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	29
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>34</b>
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORES.....	36

Dedico este trabalho aos meus pais e ao meu querido esposo, que durante todos esses anos ensinaram - me a não desistir dos meus sonhos, ajudando-me financeiramente e emocionalmente. E ao meu pequeno Vinícius que, com sua doçura e ternura, ensinou-me a amar mais ainda o universo infantil. Você é minha esperança diária. Amo-lhe!

Agradeço a Deus, primeiramente, pelo seu imenso amor, pela dádiva de ter chegado até aqui, por ter me fortalecido a cada momento de desânimo e de dificuldade e por despertar em mim o desejo de ir em busca dos meus sonhos. Senhor, sem você não sou nada.

Ao meu pai, que não mediu esforços para me ajudar, quando mais precisei. Que acreditou e investiu neste sonho. Você foi muito importante para esta conquista!

À minha querida mãezinha, que foi amiga, sincera e minha fonte de inspiração nos momentos mais difíceis. Obrigada por cuidar do meu tesouro, o meu filho, pelas orações e palavras de ânimo que me encorajou a continuar, mesmo quando tudo parecia impossível.

Ao meu esposo, que lutou para me ajudar a vencer este grande obstáculo da vida. Amo –lhe.

À minha talentosa orientadora, doutora Maria Eleusa Montenegro, que com sua paciência e sabedoria me ensinou que podemos fazer o melhor a cada dia!

“Quando lançamos uma semente na terra, justamente a ela a esperança e a certeza de que vai nascer uma planta. Da planta o fruto, e do fruto, novas sementes”.

Maria Radespiel

## RESUMO

Esta monografia foi realizada com o objetivo de investigar e expressar algumas reflexões teóricas acerca da escrita da criança nas séries iniciais, pois muito tem se falado sobre a escrita e como a criança evolui no decorrer dessa fase. O estudo levou em consideração os pressupostos teóricos sócio-interacionistas e construtivistas, baseados em Piaget e Emília Ferreiro. Do desenho ao simbolismo da escrita, a criança precisa fazer algumas descobertas. Esta pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa e os instrumentos utilizados para esta pesquisa foram livros, entrevistas com professores da rede particular de ensino da Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.

As categorias escolhidas para a análise e discussão dos dados foram: Como inicia o trabalho de identificação\diagnóstico com a criança no primeiro momento do letramento. Procedimentos importantes para um trabalho eficiente nesta aquisição; Que metodologias são utilizadas pelo professor durante este processo de trabalho; Comente sobre a importância /do professor ter conhecimento profundos sobre a criança (fases) e a escrita; Projetos\atividades promovidas pela escola para desenvolver de forma eficiente e segura a aquisição e evolução da escrita;Comente sobre as dificuldades identificadas durante o processo de trabalho e qual a atitude do professor para solucioná-las;O papel da família no estímulo da aquisição do letramento da criança;

As análise e discussão dos dados levaram aos seguintes resultados: As professoras, em sua maioria, respondeu que inicia-se o trabalho de identificação com a criança no primeiro momento do letramento, por meio de observação e relatórios. Já em relação às metodologias utilizadas, responderam que são utilizadas diversas metodologias durante este longo processo. Com relação à importância do professor ter conhecimentos profundos sobre a criança e a escrita todas as professoras afirmaram que este conhecimento é indispensável nessa faixa etária, para a aquisição e evolução da escrita. Já se tratando das dificuldades os professores em geral buscam sanar estas dificuldades, proporcionando uma parceria maior com a família e oferecendo um atendimento mais individualizado.

## 1 INTRODUÇÃO

Escolher o tema “A criança e a escrita nas séries iniciais do ensino fundamental - contribuições para o seu desenvolvimento,” como objeto deste trabalho, foi um privilégio para essa acadêmica, pois essa trajetória é profundamente instigante e este universo pedagógico é rico e sedutor.

Torna-se interessante, também, como um desafio para entender os mistérios que permeiam a mente da criança no processo de aquisição da escrita, uma vez que tantos interesses estão se concretizando em suas vidas, apesar da pouca idade.

Também nasceu o desejo dessa acadêmica de mergulhar intensamente nessa proposta para acompanhar, não só aquisição do saber, como também o crescimento cognitivo, emocional e moral da criança, ou seja, entendê-la em seu aspecto geral como sujeito completo que é.

Nesse sentido, faz-se importante relatar uma breve reflexão contida no Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais (UniCEUB, 2004, p. 170), que diz o seguinte:

Ao brincar com lápis e papel, a criança realiza suas primeiras escritas, que são vistas por muito alfabetizadores apenas como rabisco ou garatuja sem importância. Entretanto, a partir das pesquisas de Ferreiro (1985), sabe-se que essas garatuja são a gênese da escrita. Sob esse enfoque, consideram-se os rabiscos infantis como uma etapa necessária da criança para que possa desenhar, rabiscar sem importância as letras que imagina ler. Dessa maneira, a alfabetização é considerada uma atividade construtiva e criativa.

## 2 JUSTIFICATIVA

Trabalhar com a escrita em crianças das séries iniciais do ensino fundamental requer muita atenção e conhecimento por parte dos educadores que estão ligados a este segmento. A família também exerce um papel importante, tendo em vista o ajuste, a harmonia e os estímulos concedidos durante essa trajetória.

Promover e canalizar recursos para um aprendizado sistemático e eficaz da leitura deve ser um integrante fundamental da proposta escolar, cabendo a ela prever o desenvolvimento do aprendizado de forma eficaz, o que, certamente, refletirá em situações favoráveis para o seu êxito da criança em várias áreas de sua vida.



A alfabetização, de modo geral, não se limita apenas à aquisição do domínio da leitura e da escrita, mas também pela possibilidade de compreensão dos usos e funções da língua escrita no contexto social. Uma situação de aprendizagem é a que apresenta questões de construção e reconstrução, que faça o aluno pensar, analisar a sua ação e optar por permanecer ou mudar. À medida que a criança progride, o seu desempenho lingüístico também identifica aspectos da língua escrita. Nesse momento, ela começa a adquirir conhecimentos da língua.

Porém, deve-se levar em consideração que a escrita e a linguagem obedecem às regras e convenções de funcionamento e para que sejam cumpridas e entendidas, devem ser praticadas em ambiente propício de educação formal - como a escola e sob o olhar atento e sensível do professor, cujo aspecto será explorado no decorrer deste trabalho.

### **3 PROBLEMATIZAÇÃO**

No tema “A criança e a escrita nas séries iniciais do ensino fundamental – contribuições para o seu desenvolvimento” busca-se refletir sobre o processo de construção da escrita.

Ele foi escolhido com o intuito de investigar questões relacionadas à concepção e evolução da escrita em crianças das séries iniciais do ensino fundamental, uma vez que, quando esta acadêmica foi colaborar com uma professora para o desenvolvimento do processo de leitura, sentiu uma enorme dificuldade na compreensão do mesmo.

Partindo-se de tal fato, o foco deste trabalho, além de mostrar como a criança nas séries iniciais concebe a escrita e como se dá sua evolução também, visa conhecer os procedimentos metodológicos que podem ser utilizados para este processo. Neste sentido, questionou-se?

- Como é a escrita nessa fase tão importante?
- Como se dá a evolução da escrita?
- Que metodologias podem ser utilizadas nesse trabalho?

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar a concepção e evolução da escrita em crianças das séries iniciais do ensino fundamental a fim de oferecer subsídios aos profissionais da educação.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer e compreender sobre o processo da escrita;
- Verificar os procedimentos necessários ao desenvolvimento da escrita;
- Levantar as dificuldades da criança na escrita;
- Verificar o papel da família neste processo;
- Proporcionar contribuições aos profissionais da educação.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 A CONCEPÇÃO ESCRITA

Existem, há milhares de anos, inúmeros meios de transmitir mensagens através de desenhos, sinais e imagens. A escrita propriamente dita só começou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais as pessoas puderam materializar e fixar claramente tudo o pensavam, sentiam ou sabiam expressar. Widlocher (1971, p.77), sobre esse assunto, diz que “historicamente a escrita nasceu de um encontro entre a coisa desenhada e a palavra”.

Para Widlocher (1971, p. 78), obviamente essas transformações alcançaram o homem até os dias atuais tendo destaque no aspecto social, cultural, econômico e político. Na questão da comunicação, também continuaram fortes investimentos e, cada vez mais, seus canais foram aperfeiçoados, tanto na comunicação oral, escrita, ou de outra forma de manifestação, pois esta precisava e precisam ser bem estabelecidas e entendidas. Na educação, no campo da aprendizagem, não pode ser diferente, ou seja, a preocupação em novas descobertas e desafios deve ser contínua e cada vez estimulada com recursos importantes, pois, para o indivíduo, esses conhecimentos são vitais e despertam o interesse por novas conquistas e desafios.

Segundo Widlocher (1971), há várias décadas, estudiosos e educadores vêm dedicando suas pesquisas e desenvolvendo ações na área da aprendizagem, sendo alguns voltados para a concepção desse saber e do sistema representativo da linguagem escrita no que se refere às etapas iniciais do processo.

A Enciclopédia Barsa (1999, p. 75) registra que “escrita é todo sistema gráfico de notação da linguagem verbal, ou seja, toda representação de palavras ou idéia por meio de símbolos gráficos”.

Tal sistema não surge da noite para o dia. Nesse sentido, Haddad (2001, p.114) diz que “desde os desenhos simbólicos das cavernas do período pré-histórico até o aparecimento do alfabeto a escrita passou por várias fases e as letras acompanharam essa evolução”.

Para Ferreira (2001), o ser humano desde seu início na humanidade foi um produtor de marcas. Ela diz, ainda, que:

Do ponto de vista material, qualquer sistema de escrita (desde suas origens até nossos dias) consiste em um conjunto de marcas sobre uma superfície. Desde as origens de sua existência, o homem foi produtor de marcas. Pode-se inclusive afirmar que a produção intencional de marcas define o ser humano (FERREIRO, 2001, p.10).

Todo indivíduo ao ingressar num ambiente escolar leva consigo uma bagagem rica, composta pela vivência no grupo familiar, com suas relações com o meio, cujo aprendizado é essencial para sua vida futura.

Olhando por este prisma, certifica-se de que não é somente no ambiente escolar que a criança adquire seu conhecimento. Toda sua experiência deve ser considerada e bem canalizada para um ensino sistemático proveniente agora de uma abordagem científica, ou seja, a escola gera nessa criança expectativas e situações favoráveis para o seu êxito. (FERREIRO, 2001, p.12).

Nesse contexto, Cavalcante (1999, p.17), em seu livro “O jornal como uma proposta Pedagógica”, apresenta uma idéia que justifica essa tese, dizendo o seguinte:

Ser leitor implica numa série de coisas que diz respeito à experiência vivida, não somente em relação ao livro, mas também em relação a tudo que nos remete a formulação de uma visão de mundo. O olhar que caminha buscando cores, formas e imagens, também apreende os sons, cheiros, texturas, enfim, tudo é percepção e a função do olhar está por toda parte procurando sentido e significação. Existe uma concepção muito comum que apresenta o leitor como sendo apenas aquele capaz de decodificar o código lingüístico, quando na verdade a formação do leitor acontece muito antes da criança tornar-se apta as palavras. É um caminho traçado neste momento do nascimento, que vai desde as expectativas que são geradas em torno da criança até o desabrochar das potencialidades.

É importante considerar, também, que o contato com leituras diversificadas, oportunidades de explorar e experimentar situações que possibilitem o raciocínio e a interpretação e estímulos oferecidos à criança, permite que alcance uma aprendizagem mais rica e extensa. Portanto, nesse momento em que se fala de leitura, a escrita está intrinsecamente relacionada. Suas potencialidades no campo cognitivo, cultural e social serão melhor sucedidas. Por outro lado, a criança que não recebe estímulos, que não tem próximo de si materiais e situações que favoreçam seu desenvolvimento intelectual, não terá as mesmas possibilidades de aprendizagem, ou seja, o ambiente também é um grande gerador de recursos para o se desenvolvimento. (CAVALCANTE, 1999, p. 22).

Percebe-se, ainda, a importância dos sentimentos gerados na criança e a necessidade de transmitir confiança, auto-estima, não permitindo, jamais, que o medo e a insegurança prolonguem ou anulem esse momento tão valioso para ela. (CAVALCANTE, 1999).

Outra reflexão importante foi encontrada na coletânea “Alfabetização sem segredos”, da autora Radespiel (1999, p. 32), quando afirma:

Comumente se fala muito de qual a melhor forma do educador ensinar a criança. Raramente pergunta-se como a criança aprende. Deve-se considerar a criança como sujeito que age sobre a sua realidade, que pensa, que conhece. Nesse sentido, é fundamental que percebamos a criança como um sujeito curioso que busca conhecer sua realidade, que constrói o seu conhecimento.

Considerar como a criança aprende é muito importante para quem quer ensinar alguma coisa a ela. Sem levar em conta “como a criança aprende”, ficaremos falando e não ensinando nada.

Continuando suas reflexões, a autora pergunta:

Mas, como mesmo que a criança aprende? De maneira geral, pode-se dizer que a criança assim como também os homens e mulheres, aprendem através de suas relações com o mundo e com as outras pessoas, adultos e crianças. É através de suas brincadeiras, jogos, de suas relações familiares, atividades feitas na pré-escola que irão aprender matemática, ciências, língua portuguesa, etc.... (RADESPIEL, 1999, p. 32).

Segundo Radespiel (1999), a possibilidade da criança aprender uma outra coisa depende dos fatos e observações por ela vividas e de seu desenvolvimento físico e psicológico. Também pelo que já foi registrado, o meio corrobora nessa aquisição, ou seja, a família. Percebe-se que o respeito à individualidade nesse processo é extremamente importante, visto que cada criança tem sua forma de concepção da aprendizagem. Valorizar e entender essa singularidade permite que se descubram pontos estratégicos nesse trabalho.

Considera-se importante que o processo de concepção da linguagem escrita nas séries iniciais é de uma riqueza tanto para quem trilha no caminho do descobrimento, quanto para quem acompanha e orienta, ou seja, os personagens são crianças e educadores que, durante o trabalho, fazem as mais diversas e incríveis descobertas, levando em conta a investigação científica e bem apurada com um olhar voltado para a sensibilidade de entender como se processa esse conhecimento, essa aprendizagem nos pequenos escolares. A escrita está inserida no ambiente, nos objetos e no âmbito relacional; desse modo, a criança tenta, à sua maneira, compreender essas marcas gráficas e os atos das pessoas que utilizam. (RADESPIEL, 1999).

Vigostsky (1998, p.139-140) também exerceu grande influência sobre as novas concepções de escrita, principalmente por destacar o caráter simbólico desta e atribuir à mediação um papel determinante no processo de ensino. Dizia que a escrita desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cultural da criança. Todavia, ele afirma que “ensina-se às crianças a desenhar letras e construir com elas, mas não se ensina a linguagem escrita”. “Enfatiza-se de tal forma que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal”. Com isso,

a escrita fica num segundo plano, deixando que a escola fique encarregada de ensiná-las. O autor diz, ainda, que “a escrita lhe é imposta de fora, vinda das mãos dos professores” e não fundamentada nas necessidades naturais da criança.

Diante disso, Luria (2001, p. 144) afirma que “para conhecer a pré-história da escrita é preciso adquirir o conhecimento daquilo que a criança era capaz de fazer antes de entrar na escola”, ou seja, é importante para o educador receber e perceber quais os conhecimentos concebidos pela criança. Tudo isto, antes de oferecer-lhe informações que fazem parte tanto de um currículo como de valores transmitidos pela escola. Muitas vezes, os educadores são surpreendidos com a riqueza trazida em suas bagagens. Por isso, jamais devem desprezar seus conhecimentos.

Quanto à pré-história da aprendizagem, Negrini (1994, p. 29) diz que “desconsiderar a pré-história da aprendizagem escolar é caminhar por uma estrada que dificilmente facilita a adaptação da criança à escola, além de criar dificuldades a determinadas aprendizagens”. Nesse contexto, está claro como é prazeroso trocar conhecimentos, idéias, valorizar e canalizar muito bem os saberes dessas crianças. A prática didática também é um fator importante, nesse processo de descoberta e aquisição da escrita como da leitura e tantos outros conhecimentos que são dia-a-dia “descortinados” pelos pequenos aprendizes.

Taylor (1997) lembra que, tanto o falante quanto o escrevente, são tidos como se estivessem tentando a mesma coisa: produzir formas que se aproximem das normas ideais da língua, com a diferença de que na escrita o indivíduo teria sucesso quase invariável, enquanto na fala só raramente. É importante verificar que o letramento como prática social está fundamentado em algumas convicções importantes de toda atividade de uso da escrita, bem como dos saberes, valores e das instituições que sustentam e da dimensão processual de toda escrita quando aprendida no contexto múltiplo e variado das práticas de comunicação social em sentido amplo.

## 5.2 PROCESSO DE EVOLUÇÃO DA ESCRITA

Segundo Ferreiro (2001), “o início do conhecimento sobre a linguagem escrita não depende do manejo pessoal da escrita e, portanto, não coincide com o ingresso da escolaridade obrigatória”. Embora pareça paradoxal, a concepção do conhecimento e da escrita, não coincide com a escolaridade, embora esteja intimamente ligada a ela. A relação entre o ensino institucional e o desenvolvimento do conhecimento da criança é de influência,

não de determinação. Por diversas razões: porque a escrita é um objeto social cuja presença e funções ultrapassam o marco escolar e porque a criança é um sujeito ativo e construtivo do seu próprio conhecimento. As crianças das séries iniciais freqüentam jardins-de-infância, recebem e processam informações sobre a linguagem escrita e elaboram representações mentais sobre o significado dessa informação, como em qualquer campo.

Existem etapas de compreensão da escrita como, por exemplo: primeiro delimita a escrita, no universo do gráfico em geral. Essa delimitação é feita inicialmente por oposição ao desenho: escrita é tudo que não é desenho. Depois se transforma numa descrição positiva; para que alguma coisa seja escrita deve ter as seguintes propriedades:

Linearidade: as “unidades” devem estar dispostas em linhas; descontinuidade: deve haver algum tipo de fragmentação entre as unidades ou grupos de unidades. (FERREIRO, 2001).

Nas produções gráficas, essas propriedades são expressas por meio de formas não-icônicas, registradas em linhas, com certa extensão, mas também com indiferenciação das formas entre si, as quais se denominam de “indiferenciadas”.

Outras propriedades somam-se às anteriores:

Quantidade mínima: deve haver um número mínimo de unidades; variação interna: deve existir certa variedade entre as unidades; e combinação: deve haver uma seleção nos agrupamentos; nem todas as letras podem combinar-se com as outras. (FERREIRO, 2001).

Quanto à escrita, Ferreiro (2001, p. 10) chama a atenção para o seguinte:

Não é qualquer conjunto de marcas que constitui uma escrita. E diz também que “as crianças em processo de desenvolvimento são capazes de produzir marcas. Essas marcas são obscuras, até que sejam capazes de produzir linguagem.” Com a aquisição da linguagem, a criança estabelece relações com o meio e isso se torna mais complexas, pois possibilitará o desenvolvimento e compreensão simbólica. É por causa da complexidade das relações que se torna possível à criança compreender a função simbólica da linguagem. Essa “compreensão simbólica é o que vai possibilitar a ela a compreender a linguagem escrita, enquanto signos semióticos”.

Os estudos sobre a aquisição da linguagem escrita sustentam suas reflexões teóricas em um campo interdisciplinar que aproximam a lingüística da psicologia. (PILLAR, 1996). Fundamentadas em princípios da psicologia, essas discussões apresentam a linguagem escrita como um objeto de conhecimento a ser adquirido pela criança, cujas propriedades cognitivas e perceptuais determinam e precedem o processo de aquisição da linguagem escrita, conforme descrito a seguir:

Uma das primeiras coisas que se deve considerar em relação às crianças pré-escolares é que ao ingressar no ambiente escolar, leva consigo toda uma bagagem que constitui a sua pré-história. A criança, ao chegar à escola já aprendeu muitas coisas e já internalizou condutas, comportamentos decorrentes de seu contato com o mundo dos objetos e com o mundo dos demais. (PILLAR, 1996, p. 26).

LURIA (2001) aponta alguns estágios no processo de apropriação da linguagem escrita. Eles não possuem uma idade específica para acontecer e, uma vez passado por um desses estágios, não significa necessariamente que eles estejam totalmente superados. Assim, Vigotsky (1998, p.142) sugere quatro momentos distintos no que diz respeito à sua forma, mas que exercem a mesma função, isto é, a de possibilitar a aquisição do caráter semiótico da linguagem, que assume uma função simbólica mediadora das relações humanas. A aquisição semiótica da linguagem diz respeito aos gestos que, segundo o autor, representam uma ação, constituindo-se, dessa forma, enquanto signos visuais. Vigotsky considera que “os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, freqüentemente, simples gestos que foram estabelecidos”.

Vygotsky (1998, p.146) afirma, ainda, que os primeiros desenhos surgem como resultado de gestos manuais (gestos de mãos equipadas com lápis). O gesto constitui a primeira representação do significado. Vygotsky (p. 146) diz que o simbolismo na escrita é marcado pela descoberta de que se pode desenhar e de que o domínio desse mesmo simbolismo pode transmitir idéias, pensamentos, informações, ou seja, que a criança pode comunicar-se por um novo código lingüístico, carregado de simbolismo e definições conceituais.

Nesse contexto, a linguagem é:

É uma linguagem feita apenas de pensamento e imagem, faltando-lhe as qualidades musicais, expressivas e de entonação, características da linguagem oral. Ao aprender a escrever, a criança tem de se libertar do aspecto sensorial da linguagem e substitui as palavras por imagens de palavras [...] A escrita é também um discurso sem interlocutor, dirigindo a uma pessoa ausente ou imaginária ou a ninguém em particular, situação essa que, para a criança, impelidas por um motivo: o desejo ou a necessidade conduzem os pedidos, as perguntas arrastam consigo as respostas, o espanto leva à explicação [...] No discurso escrito, somos obrigados a recriar a situação, a representá-la para nós [...] A ação de escrever exige também da parte da criança uma ação de análise deliberada. Quando fala, a criança tem uma consciência muito imperfeita dos sons que pronuncia e não tem consciência das operações mentais que executa. Quando escreve, ela tem de tomar consciência da estrutura sonora de cada palavra, tem de dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos que têm de ser memorizados estudados de antemão (VYGOTSKY, 1998, p. 149).

A criança, no seu processo em direção à compreensão da escrita alfabética, percorre etapas, segundo Ferreiro (1985) que merecem destaque nesse estudo:



**Nível pré-silábico** – caracteriza-se por uma busca de diferenciações entre as escritas produzidas, sem uma preocupação com as propriedades sonoras da escrita. Nesse nível, a criança explora tanto critérios quantitativos (variar a quantidade de letras de uma escrita para outra para obter escritas diferentes) ou critério qualitativo (variar o repertório das letras ou a posição das mesmas sem alterar a quantidade). Os grafismos podem ser constituídos de traços descontínuos, inspirados no traçado da letra de imprensa ou de com maior continuidade, como o traçado em letra cursiva. Esta é uma fase inicial da escrita. (FERREIRO, 1985)

Exemplo: cavalo pode ser ALTOZNEXEO, e tomate pode ser LOZXTNXADE (mesmas letras em outra ordem) ou MITIOTOA (outras letras). Não existe uma relação entre fonema\grafema. A correspondência entre a escrita e o nome é global, as partes da escrita não correspondem ainda às partes do nome. Cada letra pode valer pelo todo e não tem valor em si mesmo. (FERREIRO, 1985).

**Nível silábico** – caracteriza-se, conforme Ferreiro (1985), pela correspondência entre a representação escrita das palavras e as suas propriedades sonoras. É a descoberta de que a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. Essas partes são as sílabas e em geral a criança faz corresponder uma grafia a cada sílaba. Pode servir qualquer letra ou existir uma associação do som à letra convencional. A criança neste nível tenta várias abordagens globais numa busca consistente da lógica do sistema da escrita. Ex: TOMATE – O A E.

**Nível silábico-alfabético** – quando criança chega neste nível, está a um passo da escrita alfabética. Isto significa que ela escreve parte da palavra aplicando hipótese silábica e outra parte analisando os fonemas que a compõem. A evolução do nível silábico leva a criança a estabelecer que as partes sonoras semelhantes entre as palavras se exprimem por letras semelhantes. Nesse nível, existem duas formas de correspondência entre sons e grafias: silábica (silábica é o som produzido por uma só emissão de voz) e alfabética (análise fonética e\ou análise dos fonemas, que são os elementos sonoros da linguagem e têm nas letras o seu correspondente. O conjunto de letras é o alfabeto), é a idéia de Ferreiro (1985).

**Exemplo:** para cavalo podem aparecer:

Alfabética silábica

CA VO

Ou

Alfabético silábico alfabético

## CAULO

**Nível alfabético** – caracteriza-se pela correspondência entre fonemas e grafias. Existe a compreensão da escrita alfabética, onde todos os fonemas devem estar representados. A análise se aprimora, é possível a compreensão de que uma sílaba pode ter uma, ou três letras. Trabalhar a escrita como um sistema de representação da língua significa deslocar o eixo de compreensão para os aspectos levantados acima e não para os figurativos, como orientação da escrita, linearidade, perfeição da cópia etc. Esses últimos são facilmente superáveis pelas crianças. (FERREIRO, 1985).

A passagem da criança, segundo Ferreiro (1985), de um nível de conceitualização a outro está diretamente relacionado a um conhecimento anterior. O tempo em que ela permanece em um mesmo nível é muito variável; por outro lado, essa evolução não é linear, pois a criança passa por avanços e recuos durante todo o seu processo de construção da escrita, ainda que seu desenvolvimento esteja diretamente relacionado com este nível. É nessa passagem que a intervenção do professor pode ser importante.

Antes da aprendizagem mais sistematizada e para melhor compreensão e reconhecimento da letra, a melhor indicação é apresentar as letras de imprensa, ou bastão, pois são mais acessíveis em seu universo e estão disponíveis nos mais variados meios de comunicação, como placas, rótulos, nomes de rua, outdoors, manchetes de revistas, jornais etc. Dessa forma, é possível incorporar ao conhecimento e hipóteses que as crianças têm antes da aprendizagem formal. Além disso, escrever com letra de forma, exige uma menor destreza motora por parte da criança, sendo, portanto, possível que ela direcione seus esforços em desvelar o processo de alfabetização e não em conseguir reproduzir adequadamente as letras. . (FERREIRO, 1985).

Aprender a letra cursiva é um interesse que surge naturalmente em todas as crianças a partir do momento em que elas se sentem seguras para ler e escrever.

### 5.3. UMA ABORDAGEM COGNITIVA

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próximo às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas e de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se

expressar, podendo aprender, nas trocas sociais com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (BRASIL. MEC, 1995, p. 2).

Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender como os outros, por meio dos vínculos que estabelece. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. “Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação corporal.” (PIAGET, 1998, p. 42).

Isso leva a interpretar que, as diversas ações do meio externo, contribuem para o crescimento da criança em seu aspecto cognitivo. Piaget (1998) explicou claramente o que acontece nessa etapa, ao afirmar que existem formas básicas para essa compreensão: a assimilação e a acomodação. Na assimilação, o indivíduo usa as estruturas psíquicas que já possui; caso não sejam suficientes, é preciso construir novas estruturas. Isso é a acomodação. Na assimilação e na acomodação se pode reconhecer a correspondência prática daquilo que será mais tarde dedução. Uma vez estruturados, esses processos existentes, todo o conjunto é reorganizado. Desse modo, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o torna cada vez mais apto ao equilíbrio. Mas essas construções seguem um padrão, em idades mais ou menos determinadas. São os estágios, que se dividem em vários sub-estágios, com formas específicas de inteligência e isso reforça a tese de que a criança é um sujeito completo e deve ser vista como tal, reconhecendo suas potencialidades e dificuldades no campo da aprendizagem.

Nesse momento, em que a criança compreende suas descobertas, suas produções que até agora eram desenhos, tomam uma dimensão importante, e agora já são letras, e isso torna como elementos gráficos na interpretação do adulto. Porém, somente para ela, suas contribuições são entendidas e somente ela poderá explicar o que está construindo naquele momento. Também é importante compreender o tempo em que aquela primeira idéia permanece, pois em alguns espaços de tempo, a criança pode mudar o sentido de sua representação. Nessa fase, é comum a criança desenhar e contar o que esses sinais indicam. Isso pode ser percebido claramente, após um exercício muito comum em salas de aula ao sugerir que os alunos façam uma produção de desenhos, depois da professora narrar uma história, ou que conte registrando com grafismos o que compreendeu do texto. (FERREIRO, 1998, p.37).

Nesse momento, todos os seus registros passam a ter grandes significados, pois mostram verdadeiramente a sua intenção. Essas estratégias reforçam cada vez mais que os

educadores devem aproximar a criança de sua realidade utilizando recursos compreensíveis como figuras, ícones, e o modo de vida também. (FERREIRO, 1998, p. 39).

Mais adiante, no meio formal, a escola, onde se estabelece a construção da escrita, percebem-se as regras e convenções entre os signos lingüísticos. Portanto, a escrita é uma forma de representação própria. (LURIA, 2001, p.147).

Segundo Luria (2001), a interpretação que a criança dá a determinadas palavras pode mudar rapidamente se não estiver contextualizada, ou seja, quando não está ligada a uma representação concreta. Tal procedimento é usado devido a sua capacidade criativa e original para inventar e driblar as dificuldades de reconhecimento. Uma outra situação para identificar suas produções é o desenho juntamente com a escrita. A criança também usa o desenho para expor sua idéia gráfica. Esse momento deve ter um acompanhamento para que se perceba sua evolução, pois, pouco a pouco, crescerão numa dimensão importante e logo se tornarão elementos gráficos com sentido e representação.

Nesse contexto, Ferreiro (1998, p.142) afirma que:

Agregar o desenho ao tamanho da palavra é uma forma que a criança usa para definir as palavras. O desenho possibilita o contexto da escrita, ajudando a sua Interpretação. Por exemplo: numa situação em que se trabalha com ela uma história onde o ícone pode ser o animal leão. Algumas crianças ao serem interrogadas, que palavra está registrada, prontamente poderão dizer "leão", porém não entenderá porque se utiliza tão poucas letras para representar o nome de um animal tão grande. Essa situação é vista com tranquilidade sem maiores preocupações, ou seja, essas situações são peculiares à sua idade, maturidade e realidade também.

Outro fator que contribuirá para o desenvolvimento da criança é a interação. A escrita é uma instituição. Com isso, afirma-se que a escrita é um sistema que institui nas próprias regras, suas próprias convenções, que se requer um acordo social tanto para sua constituição quanto para sua destituição; nesse sentido, fortalece o valor e a importância do convívio em ambientes escolares, pois a partir dessa interação, o indivíduo será capaz de produzir, de perceber o outro, a adquirir novas idéias e conceitos que seguramente o levará para o êxito em sua aprendizagem.

#### 5.4. ESCRREVENDO O NOME PRÓPRIO

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL.MEC,1998, p.37) observa-se que:

Na fase pré-escolar, mantém-se a importância da identificação pelo nome e acrescenta-se o interesse por sua representação escrita, a qual se manifesta em idades variadas, conforme as experiências anteriores com essa linguagem. Uma possibilidade de trabalho é identificar os pertences individuais pelo nome e fazer do reconhecimento o seu próprio e do nome do outro, conteúdo de trabalho.

A escrita do próprio nome promove situações em que a criança pode explorar as diversas sílabas, aprendizagem do valor sonoro de algumas consoantes, diferentes tamanhos de palavras, além de serem palavras com muito significado pessoal.

As pesquisas de Ferreiro (1998, p.35), acerca da psicogênese da língua escrita, podem se inserir nessa perspectiva:

Descreve, por exemplo, como Santiago, com 2 anos e 7 meses, absorveu informações sobre a primeira letra de nomes próprios. Para Santiago as pessoas eram proprietárias das letras, e quando a família lhe dizia que o L identificado como a letra de Luís é também de Leonardo, Santiago rejeitava essa informação. Ou seja, quando escrevia que a letra de papai e sua mãe acrescentava que é também a letra de Paula, Santiago buscava uma nova solução. Apontava a parte redonda da letra dizendo que essa parte era de papai e o traço reto era a parte de Paula. Dessa forma, através de conflitos, ao tentar aplicar suas hipóteses a diferentes contextos, Santiago foi capaz de construir novos esquemas. Quando estava com 3 anos e 7 meses aceitou a hipótese de que uma mesma letra pode pertencer a várias pessoas.

Ferreiro (1998, p.35) enfatiza, ainda que:

inicialmente Santiago não poderia aceitar a idéia de que uma letra pertencesse a mais de uma pessoa porque isso iria desorganizar todo um sistema elaborado. Ele construiu um sistema em que dava significado a diferentes formas gráficas e ao mesmo tempo antecipava um texto tendo a primeira letra como indício. Ora, se a letra podia pertencer a mais de uma pessoa, isso desorganizaria toda sua lógica para dar significado às formas gráficas encontradas. Santiago pôde assimilar facilmente as informações acerca das letras dos nomes próprios porque essas informações correspondem a uma hipótese das crianças pequenas: os nomes são os protótipos da escrita, isto é, o que se escreve é essencialmente a escrita de nomes.

Nessa etapa de compreensão do nome próprio, não caracteriza a compreensão geral das outras informações. Devem-se considerar como essas letras são organizadas para formar os sons às palavras e dar significado às imagens. Iniciar pelo nome a aquisição da escrita é muito importante, porém, a compreensão do sistema é essencial e isto acontece tranquilamente, pois, assim sendo, a criança não repetirá ou copiará o que lhe for apresentado,

mas conseguirá identificar e construir sistematicamente o padrão, e nesse momento haverá verdadeira aquisição da aprendizagem. (TEBEROSKY, 1998, p.78).

Teberosky (1998), em seu livro *Psicologia da Linguagem*, propõe que: escrever o próprio nome parece uma peça-chave para começar a compreender a maneira pela qual funcional o sistema da escrita. As razões são:

Do ponto de vista lingüístico como gráfico, o nome próprio de cada criança é um modelo que não muda, é estável;

Seu nome próprio tem valor de verdade, porque se refere a um ser que existe e é uma informação compartilhada pelo emissor e receptor;

Nome próprio é um nome que se refere a um único objeto, isso se elimina ambigüidade em sua interpretação;

Do ponto de vista da função, fica claro que marcar e identificar objetos de indivíduos faz parte dos intercâmbios sociais da nossa cultura.

A escrita do nome próprio é uma boa oportunidade para trabalhar modelos, uma vez que informa sobre letras, quantidade, variedade, posição e a ordem das letras, além de servir de ponto de reflexão para confrontar as idéias das crianças com a realidade da escrita convencional. (TEBEROSKY, 1998, p. 81). Escrever palavras relacionadas ao cotidiano da criança, pode servir de referência para que ela produza outras palavras ou textos. Isso amplia o repertório de palavras estáveis, ou seja, palavras que ela consegue reconhecer mesmo sem saber ler convencionalmente.

## 5.5. O PROFESSOR COMO MEDIADOR NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Radespiel (2003, p. 30, grifo do autor) apresenta mais uma contribuição importante sobre o papel do professor, como mediador na aquisição da escrita:

O educador tem um papel fundamental no bom andamento dos trabalhos. Dele depende, em boa parte, se a pré-escola estará ou não alcançando seus objetivos, dentre os quais um dos mais importantes é conseguir criar um ambiente educativo, saudável e alegre para as crianças. Cabe ao educador coordenar as atividades, orientar as crianças e, em especial, estimulá-las constantemente para maior desenvolvimento de suas potencialidades. Por isto “ela precisa perguntar-se como está suas relações com as crianças e com as outras pessoas da pré-escola”. Este momento de avaliação serve também para que os educadores conheçam melhor o próprio grupo de crianças e colegas de trabalho. É nele que se pode organizar e pensar sobre tudo o que já sabe e vivencia no dia-a-dia. Para isto é necessário que ele esteja constantemente avaliando sua prática pedagógica e aprofundando teoricamente a respeito da criança com a qual trabalha:

quem ela é, como ela aprende, quais são seus interesses, necessidades, etc. com isso poderá fazer um trabalho mais seguro e competente.

É muito importante para o professor reconhecer os estágios que a criança percorre, que entenda suas necessidades, suas limitações e anseios. Que as atividades ao serem elaboradas e desenvolvidas, sejam adequadas, que tenham significados, que propiciem a reflexão, a autonomia, a iniciativa, o raciocínio e muitas outras possibilidades inerentes à criança e ao contexto escolar. Desta forma, o professor alcançará seus objetivos e suas aulas serão muito mais produtivas e prazerosas e a aquisição não só da linguagem escrita como de outros valores e conhecimentos serão uma consequência dessas ações.

Para isso, o professor deverá propiciar um ambiente de confiança e liberdade e que possibilite às crianças expressarem suas idéias, opinarem e questionarem fatos, experiências registradas em seu cotidiano. Assim, o estudo e as descobertas sobre a linguagem escrita serão mais proveitosos, abrangendo as possibilidades para a aprendizagem. A participação do professor nesse período é determinante para essa aquisição. Dele depende se as ações voltadas para o ensino sistemático estão ou não alcançando seus objetivos. Numa relação onde há respeito, confiança, responsabilidade e dedicação só podem culminar em sucesso, o qual se espera nessa empreitada. (RADESPIEL, 2003, p.38)

Ao educador está reservada a tarefa de organizar e coordenar as atividades que promoverão no educando um aprendizado seguro e eficiente, respeitando sempre sua individualidade, necessidade, limitações, mas, também, ressaltando e canalizando da melhor maneira suas habilidades, o potencialidades e tudo mais que a criança levar consigo em sua bagagem.

Para isso, é necessário buscar constante conhecimentos atualizados, se auto-avaliar, estar amparado por situações que favoreçam o seu crescimento, bem como o de seus alunos.

Dentro da perspectiva de aquisição da escrita, é importante promover situações em que o aluno perceba sua evolução e compreensão. Para isto, existem estratégias que norteiam e viabilizam a prática em sala de aula e também fora dela. Algumas considerações feitas por Ferreiro e Teberosky (1998, p.145) valem constar neste estudo:

Trabalhar com palavras-chave: - nesta proposta, usar palavras do seu dia-a-dia, de sua realidade e contextos, como listas de nomes de animais, comidas, brinquedos, objetos etc, isso possibilitarão que a criança faça associações e interpretações, provocando descobertas na escrita e na leitura. Nesse contexto, o estudo passa a ter sentidos e significados que não são apenas palavras abstratas, isso no nível alfabético, onde já é capaz de identificar.

Teberosky (1998) traz uma situação interessante onde a criança é estimulada por meio de material de apoio, como desenhos, cartazes e relatos sobre a palavra em estudo. Caso alguma criança tenha dificuldades de aprendizagem, poderá recorrer ao material de apoio e construir suas idéias sem medo ou constrangimento, para relembrar e assimilar. Isso faz com que todas fiquem no mesmo nível e ela não se sentirá testada e não haverá discriminações ou separações entre os sabem mais e os que sabem menos. Também, outros recursos como histórias, pequenos textos, palavras que façam parte de seu contexto, agrupadas com desenhos, jogos, poderão compor um ambiente favorável à aquisição da leitura e conseqüentemente da escrita. As palavras que têm maior significado emocional serão memorizadas mais facilmente.

A prática cotidiana irá variar de acordo com a experiência de cada professor. No entanto, a fundamentação básica está em entender que a língua escrita se constitui num objeto de conhecimento construído pela criança. Nesse sentido, é preciso entender como esse objeto evolui, qual é o processo de sua construção e não apenas o seu resultado final.

Numa situação em que a classe é muito heterogênea, ou onde há crianças que estão ainda num nível pré-silábico ou silábico inicial, a palavra-chave possibilitará a aquisição de formas estáveis da escrita, ou seja, essas crianças ainda não sabem escrever outras palavras que não sejam o nome próprio. Esse momento é fundamental para que ela possa checar e testar essas palavras aprendidas com a sua hipótese silábica e tentar avançar para dar conta desse conflito: por exemplo, ela aprende a escrever *tomate*, embora ao ler o que escreveu, sua hipótese é de que com *tom* está escrito *tomate*; então, o que fazer com o que sobrou? Esse é o seu desafio. (TEBEROSKY, 1998, p.146)

Caso o professor tenha uma classe onde todos estão pelo menos no nível silábico-alfabético, não há necessidade de se trabalhar a partir de palavras-chave. As primeiras palavras-chave podem ser trabalhadas através de diferentes atividades. Depois de um tempo, não são mais necessárias muitas lições acerca da mesma palavra, uma vez que as crianças vão estabelecendo relação entre as palavras, às sílabas e as letras e são capazes de adquiri-la como modelo, mais rapidamente.

Cagliari (1993, p. 9-13) comenta sobre a formação do professor da seguinte forma:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse



professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais. Agindo desta forma, o professor estará mais livre para selecionar os métodos, as técnicas; buscará os rumos e o ritmo que considerar mais adequado à sua turma, colocando sua sensibilidade acima de qualquer modelo preestabelecido. Além dessas noções mencionadas como necessárias ao bom andamento dos trabalhos escolares, é de fundamental importância que o professor conheça um pouco melhor a escola na sua relação com a sociedade, pois o seu espaço de trabalho não se restringe à sala de aula [...]. Mais do que os vários outros tipos de professores, os alfabetizadores precisam de uma formação especial mais sólida e sofisticada, dada a importância e a complexidade de seu trabalho.

## 6 METODOLOGIA

### 6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa foi de cunho qualitativo, pois os dados foram coletados, no ambiente natural, tem um caráter descritivo e perceberá os vários significados da escrita para alguns professores. Esta pesquisa verificará, também, quais métodos são mais apropriados para concepção da escrita.

Neves (1979) afirma que a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a codificar os componentes de significados.

Na mesma linha, Manning (apud NEVES, 1979, p. 68) afirma que “o trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio deles que os dados são coletados”.

### 6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

A modalidade de instrumento aplicada neste estudo foi um questionário, com questões semi-abertas, em professoras da rede particular de ensino do Distrito Federal. (Vide Apêndice).

O questionário foi estruturado com seis questões e mais itens para a coleta de dados sobre a identificação dos participantes (sexo, faixa etária, formação acadêmica e tempo de atuação).

Segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto.

Segundo Lüdke (1986, p.1), sobre o questionário, “é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

### 6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTE

Esta Monografia utilizou como cenário uma escola particular de Educação Básica situada na Asa Norte, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal. Foi aplicado um questionário em quatro professoras das séries iniciais, para a avaliação do processo da escrita e as contribuições para o seu desenvolvimento.

### 6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Esta Monografia ocorreu em diferentes etapas para o seu desenvolvimento, primeiramente foi à escolha do tema, surgindo através de questionamentos sobre a criança e a escrita nas séries iniciais. Em seguida, busquei nos livros a fundamentação teórica para que pudesse desenvolver este trabalho, relacionando a teoria com a prática através do estudo de caso.

No mês de março e agosto, foi desenvolvida a elaboração do instrumento de pesquisa, sendo escolhido o questionário o qual foi aplicada a professores da rede particular, sendo um estudo de caso qualitativo.

O desenvolvimento da fundamentação teórica foi elaborado nos meses de abril a outubro, buscando compreender nos autores alguns conceitos de leitura e sua importância na aprendizagem dos educandos que favoreçam na reflexão e criticidade.

### 6.1 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 6.5.1 CATEGORIAS SELECIONADAS

As categorias selecionadas para a organização, análise e discussão dos dados foram:

- Diagnóstico para o processo de alfabetização.
- Procedimentos metodológicos para o processo de alfabetização.
- Dificuldades encontradas.
- O papel da família na alfabetização.

### 6.5.2 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os registros abaixo mostrarão a organização, a análise e a discussão dos dados obtidos ao longo da investigação com alguns profissionais da área.

- Diagnóstico para o processo de alfabetização

Professora A – “Fazendo um diagnóstico através da psicogênese, partindo daí trabalhar aproveitando as experiências prévias que o aluno traz consigo, assim apresentando as dificuldades e competências numa abordagem eclética (fônico, silábico, palavração e sentencição), usando recursos do seu contexto e tornando o ensino mais significativo”.

Professora B – “A primeira coisa que fazemos é conhecer a criança, ou seja, descobrir o que está em sua bagagem, pois sabemos que toda criança, ao ingressar no convívio escolar, traz consigo grandes experiências e vivências de seu ambiente extra-escolar.” “Outra ferramenta importante que utilizamos em nossa escola é o registro ou relatório, a partir do ponto de vista do professor como da criança. É analisado como a criança se relaciona com o grupo, como se comporta nas mais diversas situações, o que perguntam e o que respondem etc. Desse ponto em diante, já é possível iniciar um trabalho que já foi sistematizado com toda a equipe escolar.”

Professora C – “Inicialmente, verificamos por meio da psicogênese da leitura e escrita. Após esta identificação, são aplicadas atividades específicas conforme o seu nível de aprendizagem. Neste momento, percebe-se a evolução gradual e significativa da criança.”

Professora D – “Sim, na forma de jogos, brincadeiras e exercícios”.

As quatro educadoras mostraram que reconhecem a importância do diagnóstico para o processo de alfabetização e afirmam que toda criança, ao ingressar no convívio escolar, traz consigo grandes experiências e vivências de seu ambiente extra-escolar.

A autora Ferreiro (2001, p.12), olhando por este prisma, certifica-se de que não é somente no ambiente escolar que a criança adquire seu conhecimento. Toda sua experiência deve ser considerada e bem canalizada para um ensino sistemático proveniente agora de uma abordagem científica, ou seja, a escola gera nessa criança expectativas e situações favoráveis para o seu êxito.

- Procedimentos metodológicos para o processo de alfabetização

Professora A – “Usamos metodologias variadas quando percebemos que, alguma dentre a escolhida, não teve êxito. Buscamos recursos com outros profissionais\entidades para uma avaliação conjunta. Procuramos usar uma linha eclética de trabalho, onde as crianças sintam-se mais seguras e não tenham demonstrações ou sentimentos de desânimo, desinteresse ou até mesmo de fracasso. Assim, buscamos qualificar os nossos professores para que tenham disponíveis todos os métodos, a fim de aplicar o que melhor adapte à situação vivenciada. Portanto, não existe uma “receita”, mas tentativas e experimentações a fim de melhor aplicar o conhecimento ao aluno”. “É de suma importância que o professor tenha conhecimentos sobre a fase da escrita para melhor atender a criança de acordo com sua maturidade e desenvolvimento, respeitando seus limites e suas capacitações, não o deixando excluído do processo de ensino e aprendizagem, rotulando-o como um aluno com déficit de aprendizagem. “Projetos tornam o ensino muito mais significativo; ele deverá partir de um contexto ou de uma necessidade detectada pela realidade de cada turma, usando uma abordagem diversificada como: leitura diária em diversos contextos, projetos como Ciranda do Livro, Projetos Ambiente e Ação, utilização da sala literária, conto e reconto e produções: escrita e oral, coletivamente ou individual, dramatizações, excursões e outros.”.

Professora B – “Trabalhamos várias metodologias buscando a melhor forma de a criança conceber o aprendizado eficiente”. Em nossas salas de aula, todos os objetos como cadeira, mesa etc. são devidamente identificados; usamos a “chamadinha” com todos os nomes para reconhecimento de todos. Jogos, bingos, dramatizações, enfim, utilizamos aquilo que está próximo da criança para que seu entendimento seja concretizado. “Acreditamos que um

ambiente alfabetizador facilita esta aquisição e aguça a curiosidade e conseqüentemente a execução da escrita.” “Vários cuidados são tomados ao selecionarmos um profissional para a nossa escola. Procuramos ter, em nossa equipe, educadores com formação superior, que sejam participantes, ativos, dinâmicos e, acima de tudo, que tenham conhecimentos sobre as séries iniciais em todos os seus aspectos. É nesse momento tão importante, que estão sendo internalizados valores, conceitos e saberes que refletirão para sua vida futura e, qualquer desajuste nesse momento, poderá contribuir para dissabores a esta criança.”

– “Já tivemos alguns casos em nossa escola de alunos que apresentaram dificuldades na aprendizagem. Logo que detectado, nos mobilizamos em busca de recurso dentro e fora do grupo para proporcionar qualidade nesse processo. Porém, quando falamos de metodologias, entendemos que algumas estão bem próximas de nós e podemos aplicá-la com segurança. Uma delas é conhecer profundamente o que está acontecendo com esta criança que não aprende. Quais suas verdadeiras necessidades. Como está o seu convívio familiar e social. Assim, aplicamos todos os recursos disponíveis como os métodos mais simples como o fônico, ou silábico etc... Quando percebemos qual a que o aluno melhor identificou e facilitou a sua aprendizagem, este é trabalhado de forma sistematizada e rigorosamente assistida pelos profissionais envolvidos no processo.”.

Professora C – “O professor deve promover atividades que propiciem desafios, levando a criança a buscar suas respostas conforme sua necessidade. Ele será o mediador, alimentando sua curiosidade e interesse, dessa forma, a criança será o agente ativo e participativo do processo do trabalho”. “Se o professor não adquirir conhecimentos sobre as fases da criança e da escrita, não conseguirá obter êxito em sua proposta de trabalho. Suas atividades não terão significado e não promoverão o avanço em seu aprendizado, ou seja, haverá frustrações tanto para o professor quanto para o aluno”. “Em nossa escola, desenvolvemos projetos de leitura, onde acontece a participação ativa do aluno como recontagem de história, dramatizações, teatro, produção coletiva de desenho e pintura, produção oral e escrita de pequenos textos e envio de livros de literatura infantil para serem lidos em casa. Vídeos informativos, onde se discutem os valores e interesses do grupo”.

Professora D – “De uma forma lúdica, em que a criança se sinta preparada a responder os questionamentos e desafios propostos”. “Sou a favor de uma metodologia que a criança manipule materiais e entenda o porquê dos conceitos”. “Alfabeto móvel, materiais pedagógicos e científicos”.

A metodologia utilizada para o processo de alfabetização é muito importante. As educadoras reconhecem que a escola precisa cada vez mais se aperfeiçoar em novas metodologias e realizar projetos que envolvam a concepção da escrita.

É muito importante para o professor reconhecer os estágios que a criança percorre, que entenda suas necessidades, suas limitações e anseios. As atividades a serem elaboradas e desenvolvidas devem ser adequadas e ter significados que propiciem a reflexão, a autonomia, a iniciativa, o raciocínio e muitas outras possibilidades inerentes à criança.

O processo de concepção da linguagem escrita nas séries iniciais é de muita riqueza tanto para quem “trilha no caminho do descobrimento”, quanto para quem acompanha e orienta, ou seja, os personagens são crianças e educadores que, durante o trabalho, fazem as mais diversas e incríveis descobertas. Os mestres devem ter um olhar sensível para entender como se processa esse conhecimento e a aprendizagem nos alunos. A escrita está inserida no ambiente, nos objetos e no âmbito relacional; desse modo, a criança tenta, à sua maneira, compreender essas marcas gráficas e os atos das pessoas que utilizam. (RADESPIEL, 1999).

- Dificuldades encontradas

Professora A – “Existem várias dificuldades, portanto, nosso trabalho é detectá-la e realimentá-las para buscar soluções. Utilizamos diariamente: professor, coordenação e direção uma verificação da aprendizagem buscando parceria com a família, em um apoio diário, para sanar tais dificuldades. Também oferecemos semanalmente o plantão tira-dúvidas com atendimento individualizado”.

Professora B – “Nesta resposta, reforçamos o que respondemos no item anterior, ou seja, há mobilização por parte de todos os profissionais da escola com vistas a solucionar qualquer dificuldade existente no processo de alfabetização da criança. Buscamos aproximar a criança de sua realidade para que haja melhor compreensão do que está sendo aplicado”.

Professora C – “Apesar dos esforços e da equipe escolar, a nossa realidade é diferente da rede privada de ensino. A primeira dificuldade que encontramos é a superlotação das turmas. Isso dificulta um atendimento mais individualizado. Os recursos individuais e físicos não permitem maior mobilidade para o professor. A nossa comunidade é muito carente, os pais, em sua maioria, são ausentes e não continuam o processo de trabalho iniciado na escola.

Para amenizar essa situação, oferecemos reforço escolar em horário contrário. Buscamos entendimentos com outros profissionais para troca de experiências.”

Professora D - – “A principal dificuldade está na parceria com os pais, visto que se trata de um momento em que a criança precisa sentir sintonia no trabalho”.

As professoras foram unânimes em dizerem que existem várias dificuldades para o desenvolvimento do processo de escrita, sendo a principal a falta de parceria com a família.

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas, de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressarem, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos, cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (BRASIL. MEC, 1995, p. 2).

- O papel da família na alfabetização

Professora A – “A parceria com a família é tão importante quanto às ações realizadas pela equipe da escola. Buscamos periodicamente informar à família sobre qualquer dificuldade da criança, seja em qualquer área, para considerarmos todos os pontos na busca de ajuda. Temos uma relação positiva. Sempre que convocamos os pais, esclarecemos tudo, de forma clara e transparente. Também fazemos um relatório, onde o responsável toma reconhecimento e assina para que se fortaleça ainda mais o compromisso e as atitudes que futuramente estarão evidentes na criança.”

Professora B – “Não existe sucesso em nenhum trabalho pedagógico em que a família seja omissa, ou seja, é de extrema importância que estejamos ligados, falando e executando as mesmas propostas, quando há necessidade de uma intervenção mais rigorosa. Portanto, consideramos que a família fortalece ou enfraquece o trabalho proposto ao longo do processo escolar, pois o ser humano é composto de vários sentimentos e valores que fortalecem sua evolução. Hoje e cada vez mais, a família deve estar presente na vida de seus filhos, oferecendo estímulos necessários para sua vida”.



Professora C – “O papel da família no processo de aprendizagem do aluno é primordial. Ela deve estar presente, fornecendo estímulos para maior desenvolvimento da criança. Se a família participa, certamente o resultado será muito mais eficaz.”.

Professora D – “A parceria com as propostas lançadas pela professora.”.

As educadoras de um modo geral comentaram que a família é o fator primordial no desenvolvimento da criança e, por meio dela, a criança interage com o meio.

Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. “Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação corporal.” (PIAGET, 1998, p. 42).

A contribuição da autora Radespiel (2003) enriqueceu, ainda mais, esta pesquisa, com a idéia de que, nesse momento de globalização e evolução econômica e cultural de todos os segmentos da vida social, da sociedade como um todo, a educação jamais poderia ficar fora de tal contexto. Portanto, requer do educador uma postura mais consciente e responsável na aquisição e repasse do seu saber, ou seja, aquele que permanecer sem as condições mínimas de preparar o seu aluno para aos desafios e situações, não contribuirá para o seu progresso e formação. Formar cidadãos críticos, participativos e conscientes dos seus deveres e direitos, é tarefa importante que está nas mãos de grandes educadores.

Nesse contexto, as séries iniciais é um campo amplo e rico de possibilidades para o profissional da educação colocar em prática todo o seu conhecimento, competência e habilidade que resultem em um trabalho significativo para sociedade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado teve como foco “A criança e a escrita nas séries iniciais – contribuições para seu desenvolvimento”, como mais um recurso que poderá colaborar aos que dele se apropriarem.

Durante o processo de trabalho, fortaleceu-se a idéia de que a criança, ao ingressar no meio escolar, leva consigo uma gama de saberes e vivências adquiridas no seu meio. Com a escrita, não é diferente, pois os estudos mostram claramente que essa aquisição não é estranha, mesmo considerando a sua pouca idade e experiência. Logicamente que esse conhecimento deverá ser trabalhado em ambiente formal, onde certamente se reverterá em grande aquisição e conquistas para a criança.

Este trabalho seguiu as orientações de Piaget (1998), Ferreiro (1999) e Teberosky (1998) que partem da perspectiva de que a criança procura compreender sua aquisição antes do ambiente formal, ou seja, antes de entrar na escola.

Constatou-se que a escrita da criança nas series iniciais, está de acordo com seu processo de evolução e desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual.

Através da análise dos dados verificou-se que todas as educadoras reconhecem a importância do diagnostico para o estímulo do processo de alfabetização. E que toda criança ao ingressar no “convívio escolar,” traz consigo grandes experiências e vivências. E que a metodologia utilizada para o processo de alfabetização é muito importante.

Houve algumas dificuldades no decorrer da pesquisa, como a disponibilidade de tempo das participantes na realização do questionário e o desinteresse de algumas em participarem, o que tornou o volume de informações coletadas, menor do que se planejou no início da pesquisa. Acredita-se que, se à pesquisa fossem incorporados outros instrumentos, como a observação em sala da aula, alcançar-se-ia uma análise crítica mais aprofundada do tema.

Finalmente, augura-se a melhoria da prática educacional para que as crianças que neste universo ingressarem com suas expectativas e anseios, sejam saciadas com a “água viva” que jorra dentro de cada educador comprometido em sua missão de transmitir e receber conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

TEBEROSKI, A. Aprendendo a escrever perspectivas psicológicas e implicações educacionais séries fundamentos. São Paulo Ática, 1998.

LÜDKE, M.; ANDRÉ E. D. A. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

CAGLIARI, L.C. Alfabetização e lingüística. São Paulo: Scipione, 1993.

SEBER, Maria da Glória. A escrita infantil o caminho da construção. São Paulo: Scipione, 2005.

HADDAD, Denise Akel; MOBIN, Dulce Gonçalves. A arte de fazer arte, 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 7º vol.

LÚRIA. Alexander R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: Vygotsky Lev. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

SALVIANO, Ana Regina Melo. Alfabetização de crianças e jovens. In: FÉLIX, Joana d' Arc Bicalho (Org.). **Aprendendo a aprender**. Brasília: UNICEUB, 2004. Vol.6.

FERREIRO Emília. Psicogênese da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. Psicogênese da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RADESPIEL, Maria. Alfabetização sem segredos: livro de alfabetização. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

BRASIL.MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. 3. ed. Brasília: MEC, 2001. v.2.

## **APÊNDICE – Questionário para Professores**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
ENTREVISTADORA: Lílían Ribeiro Alves  
DATA:    \    \ 2007

Questionário sobre o tema: A criança e a escrita nas séries iniciais – contribuições para seu desenvolvimento.

### ***Prezado (a) professor (a):***

Estou lhe entregando um questionário sobre o tema “A Criança e a escrita nas séries iniciais do ensino fundamental”, que faz parte de minha monografia para conclusão do curso de Pedagogia.

Assim sendo, venho solicitar sua preciosa colaboração no sentido de respondê-lo. Para tanto, solicito que observe as seguintes recomendações:

1. Leia com atenção todas as perguntas.
2. Para que esta pesquisa alcance grau de validade e fidedignidade é necessário que ela descreva realmente o que você faz e represente sua verdadeira opinião.
3. Para que você possa se expressar livremente, não será divulgado o seu nome, garantindo o anonimato do mesmo.

## IDENTIFICAÇÃO

Sexo: F ( ) M ( )

Faixa etária: 20 a 29 \_\_\_\_\_

50 a 59 \_\_\_\_\_

30 a 39 \_\_\_\_\_

60 em diante \_\_\_\_\_

40 a 49 \_\_\_\_\_

Escola que leciona: \_\_\_\_\_

Formação profissional: \_\_\_\_\_

Tempo de magistério: \_\_\_\_\_

## QUESTÕES

1. É feito um diagnóstico com a criança no primeiro momento da alfabetização. De que forma?

---

---

---

---

2. Em sua opinião, qual a melhor forma de realizar o processo de alfabetização para evitar problemas futuros?

---

---

---

---

3. Que procedimentos metodológicos devem ser utilizados pelo professor durante este processo?

---

---

---

---

4. Quais são as atividades oferecidas pela escola para desenvolver de forma eficiente a aquisição e evolução da escrita?

---

---

---

---

5. Relate sobre as dificuldades encontradas durante este processo e qual (ais) atitude(s) tomou para solucioná-las.

---

---

---

---

6. De que forma a família pode ajudar neste processo, tanto quanto a criança vai indo bem, quanto quando ela está tendo problemas neste processo?

---

---

---

---

